

# Par ou ímpar?<sup>1</sup>

Elynes Barros Lima

Que saber da clínica? Ou poderíamos perguntar de outro modo: que saber está em jogo na clínica, **par ou ímpar**? Um saber enlaçado, que faz par com o outro, ou o saber do Um sozinho, desenlaçado?

Lacan (1971-72/inédito, aula de 04/11/1971), no ciclo de palestras que proferiu em Sainte-Anne, afirma “o que a psicanálise revela é um saber não sabido por si mesmo”. Esse saber inédito e surpreendente é o inconsciente, que se articula como uma linguagem. Mas qual linguagem seria essa, capaz de vincular o saber inconsciente? Lacan (*Ibid.*) responde dizendo que, quando fala de linguagem, “se trata de traços comuns a encontrar na *alingua* (...) A linguagem de que se trata (...) é a linguagem na qual se pode distinguir o código da mensagem, entre outras coisas”. Assim, ele distingue que a fala é a função e a linguagem é o campo. Essa distinção permite que ele situe a fala como o lugar da verdade e a linguagem como o lugar da verdade mentirosa, que ele grafou como  $S(A)$ , esse campo que comporta um saber, ainda que não sabido. **Ímpar!**

Mas, como é possível a articulação desse novo saber? Como abordá-lo clinicamente? Lacan (1971-72/inédito, aula de 03/03/1972) comenta que ele é possível a partir de um novo tipo de discurso, um discurso inédito – o discurso do analista.

Discurso do Mestre

$$\frac{S_1}{S} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Discurso Universitário

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{S}$$

Discurso da Histórica

$$\frac{S}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Discurso Analista

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{S}{S_1}$$

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado durante a XIV Jornada do Campo Lacaniano de Fortaleza *Que saber da clínica?*, em dezembro de 2015. Agradeço à psicanalista Angélica Teixeira o incentivo na escrita deste texto, fruto das discussões em sua participação no Seminário do Campo Lacaniano de Fortaleza. Agradeço também à Vanessa Rodrigues, aluna do curso de Engenharia da Computação da UFC, a “tradução” dos conceitos matemáticos que possibilitou a articulação com a clínica psicanalítica.

A partir desse discurso, podemos vislumbrar o que está em jogo no processo analítico, ou pelo menos deveria estar. O saber em jogo é o saber inconsciente sobre o qual o analista se apoia para dirigir a cura. Cito Lacan (1971-72/inédito, aula de 06/01/1972):

O discurso psicanalítico só pode ser articulado ao mostrar que este objeto *a*, para que haja chance de analista, é necessário que uma determinada operação, chamada experiência psicanalítica, tenha trazido o objeto *a* ao lugar de semblante.

Podemos extrair daí algumas observações. A primeira que me ocorre, é que para que haja experiência psicanalítica, o objeto *a* deve estar no lugar de semblante. De acordo com Lacan (*Ibid.*), quem faz isso, coloca o objeto *a* no lugar de semblante, é o analisante. A segunda é que suportar esse lugar de semblante e operar a partir dele depende do analista, depende de como ele próprio vivenciou em sua análise o saber inconsciente. Lacan (1971-72/inédito, aula de 03/02/1972) diz que

[...] o essencial do saber do analista: é que esse lugar aí que eu chamei tetrápode ou quadrípode, no lugar da verdade tem-se o  $S_2$ , o saber. É um saber que deve, portanto, ser sempre colocado em questão.

Como opera, então, o analista a partir desse lugar? Que ferramentas ele usa nessa operação? Freud, nos primórdios, já nos alertava para o manejo da transferência, difícil tarefa do analista! Porém, quando bem situado, ele pode operar com a interpretação. Lacan (1958/1998, p. 597) diz que: “É, pois, pelo que o sujeito imputa ao analista ser (ser que está alhures) que é possível uma interpretação voltar ao lugar de onde pode ter peso na distribuição das respostas”.

Mas o que se interpreta? Tudo o que o paciente diz é interpretável? Lacan (1971-72/inédito, aula de 04/11/1971) diz que a interpretação segue um princípio: “Não há uma interpretação que não diga respeito... a quê? Ao laço do que se manifesta de fala, no que vocês escutam, o laço com o gozo”. Assim, a interpretação incidiria sobre o gozo.

Lacan (*Ibid.*) comenta ainda que há uma insistência por parte do sujeito, e que essa insistência denuncia o gozo. Ela foi vislumbrada por Freud no início de suas formulações por meio da bipolaridade: princípio de prazer e princípio de realidade. Porém, o próprio Freud chegou à conclusão que essa dupla não era capaz de dar conta do mal-estar na civilização e forjou então o conceito de pulsão de morte. Com esse conceito, Lacan (*Ibid.*) diz que o que Freud queria dizer é que “não há ato senão fracassado”, em suma: *não há relação sexual*.

É disso que se queixam os sujeitos, é assim que chegam à análise: **par!** Identificados, enlaçados aos significantes do Outro, carregam amarrados em si o peso dessas identificações. O peso provém da necessidade de corresponder ao que o Outro espera dele, ou ao que ele acha que o Outro espera dele: o filho “nota dez”, ou “o número 1”, ou ainda “o zero à esquerda”; a esposa “fora de série”; o funcionário padrão; e todas as variações e combinações possíveis.

A identificação é o resultado do processo de alienação. Na tentativa de dar sentido aos significantes que não querem dizer nada, o sujeito produz um significante no lugar do Outro para fazer surgir ali o sujeito do ser, para dar conta de sua falta a ser. Essa operação deixa o sujeito desfalcado, diz Lacan (1964/1998, p. 854): “será a vida sem a bolsa”. Esse é o preço da identificação, a alienação do sujeito aos significantes do Outro.

Izcovich (2011-12, p. 7, tradução nossa) introduz seu seminário dizendo que:

A identificação é alguma coisa que vem do outro. Ela se instala no sujeito. É alguma coisa que está no sujeito, mas que não lhe pertence completamente. Na experiência de análise isto se apresenta de um jeito evidente, ao ponto de o sujeito tentar se desembaraçar daquela parte do outro que está nele mesmo.

Mas como se desembaraçar do laço identificatório? Como é possível um desenlace, uma desidentificação?

É a partir da operação de separação que temos notícias do processo de alienação que funda o sujeito, porque é justamente no intervalo da cadeia que ele pode ter notícias do desejo e de sua própria falta, na forma de falta que ele supõe no Outro. A separação, que Lacan (1964/1998, p. 857) diz *separare*, gerar a si mesmo, imputa ao sujeito tomar partido: **Par ou ímpar?**

No seminário *O saber do psicanalista*, Lacan (1971-72/inédito, aula de 04/05/1972) retoma sua fórmula *não há relação sexual*, “porque dos dois, cada um permanece um. Homens e mulheres estão juntos, porém cada um do seu lado”. Lacan diz que *não há relação sexual*, mas formula também que *Há Um [Ya d’l’Un]*. E então ele se pergunta se não poderíamos extrair do *Há Um* um conjunto que jamais foi feito para esse fim, ser um conjunto. Lacan se referia ao conjunto vazio. O Um se equivale ao conjunto vazio, na medida em quem é “reiteração de uma falta”.

Assim, Lacan passa da linguística à lógica e demonstra a partir da teoria dos conjuntos o fundamento do Um como o lugar de uma falta, mas que também marca uma presença a partir da insistência, da repetição.

Explico melhor como se dá essa insistência, essa repetição do Um e sua relação com o conjunto vazio. De acordo com Lipschutz (1972), o conjunto vazio é por definição um conjunto em que não há elementos e que está contido em todos os conjuntos como conjunto, e também como elemento de qualquer conjunto. Na teoria dos conjuntos, por definição também, todo elemento é equivalente; o conjunto vazio, como elemento de um conjunto, não é imagem de nenhum dos elementos do outro conjunto, por ser vazio; ele é, portanto, um elemento distinto por sua diferença radical. Lacan (1971-72/inédito, aula de 04/05/1972) diz que é, pois como elemento distinto de um conjunto, que o conjunto vazio subsiste como um. E complementa:

[...] no discurso analítico, o Um se sugere como estando no princípio da repetição e que então aqui se trata justamente da espécie de Um que se acha marcado por não ser nunca, quanto à teoria dos números, senão uma falta, um conjunto vazio.

O conjunto vazio está presente em todos os conjuntos, porém o que sua presença marca não é outra coisa senão uma falta e ao mesmo tempo uma insistência na medida que se sua presença se impõe como repetição dessa falta marcando também uma distinção.

O que a experiência psicanalítica produz é um sujeito desidentificado, desenlaçado, distinto, o Um, **ímpar!** É o  $S_1$  produto do discurso analítico, que surge a cada sessão; no corte da sessão, no intervalo entre uma sessão e outra; ao final de uma análise; nas sequências.

Tem quatro teorias de árvore que eu conheço.

Primeira: que arbusto de monturo aguenta mais formiga.

Segunda: que uma planta de borda produz frutos ardentes.

Terceira: nas plantas que vingam por rachaduras lavra um poder mais lúbrico de antros.

Quarta: que há nas árvores avulsas uma assimilação maior de horizontes (BARROS, 2013, p. 237).

## referências bibliográficas

BARROS, M. de. (2013). “Seis ou três coisas que aprendi sozinho”. In: *Poesia completa*. São Paulo: LeYa.

IZCOVICH, L. (2012). *Le choix des identifications*, Inédito: aula de 16 de novembro de 2011. Cours du collège de clinique psychanalytique de Paris, 2011-2012.

- LACAN, J. (1971-72). *O saber do psicanalista*. Inédito. Publicação não comercial para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1958). “A direção do tratamento e os princípios do seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998
- \_\_\_\_\_. (1964). “Posição do inconsciente”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LIPSCHUTZ, S. (1975). *Teoria dos conjuntos*. São Paulo: McGraw-Hill Ltda, 16ª edição.

### **resumo**

Este texto aborda o conceito do Um a partir de algumas aulas do seminário *O saber do psicanalista*, nas quais Lacan argumenta sobre a emergência desse conceito a partir de um novo discurso, o discurso do analista. Ele parte da lógica e demonstra por meio da teoria dos conjuntos o fundamento do Um como lugar de uma falta, mas também de uma presença que insiste como repetição. Assim, a autora usa a metáfora do par ou ímpar para abordar respectivamente a identificação e a distinção,  $S_1$ , produto do discurso do analista.

### **palavras-chave**

Discurso do analista; teoria dos conjuntos; identificação; separação;  $S_1$ .

### **abstract**

This paper addresses the concept of the “One” from a few lessons of the seminar “*The Knowledge of the psychoanalyst*”, in which Lacan argues about the emergence of this concept from a new discourse, the discourse of the analyst. He departs from the logic, and through the set theory, he explains the foundation of the “One” as a place where something misses, but also where there is a presence which insists to appear repetitively. Thus, the author uses the “even or odd” metaphor to respectively approach the identification and distinction,  $S_1$ , a product of the analyst’s speech.

### **keywords**

The analyst’s discourse; One; Set theory; identification; separation;  $S_1$ .

### **recebido**

10/02/2016

### **aprovado**

04/04/2016

